

Reginâmio Bonifácio de Lima  
Luciana Pereira Ogando  
Débora Souza do Nascimento  
(Orgs.)

Uma  
**HISTÓRIA**  
do **ACRE**  
em Retalhos



**2.ª Edição**  
Revista e Ampliada

Reginâmio Bonifácio de Lima  
Luciana Pereira Ogando  
Débora Souza do Nascimento  
(Orgs.)

Uma  
**HISTÓRIA**  
do **ACRE**  
em Retalhos



**2.ª Edição**  
Revista e Ampliada

## **Uma História do Acre em Retalhos**

Reginâmio Bonifácio de Lima, Luciana Pereira Ogando,  
Débora Souza do Nascimento (Orgs.)

**ISBN 978-65-88975-43-5**

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac  
Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial  
69920-900 • Rio Branco • Acre – E-mail: edufac@ufac.br



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

### **Coordenadora Geral da Edufac**

Ângela Maria Poças

### **Conselho Editorial**

Adelice dos Santos Souza, Ana Carolina Couto Matheus,  
André Ricardo Maia da Costa de Faro, Ângela Maria  
Poças (presidente), Antonio Gilson Gomes Mesquita,  
Carlos Eduardo Garção de Carvalho, Cristieli Sérgio de  
Menezes Oliveira, Dennys da Silva Reis, Esperidião  
Fecury Pinheiro de Lima, Francisco Aquinei Timóteo  
Queirós, Francisco Raimundo Alves Neto, Jäder  
Vanderlei Muniz de Souza, José Dourado de Souza, José  
Roberto de Lima Murad, Maria Aldecy Rodrigues de  
Lima, Rafael Marques Gonçalves (vice-presidente).

### **Coordenadora Comercial**

Ormifran Pessoa Cavalcante

**Foto de Capa:** Nathália Segato

### **Projeto Gráfico e Capa**

Reginâmio Bonifácio de Lima

Uma  
**HISTÓRIA**  
do  
**ACRE**  
em Retalhos

Reginaldo Bonifácio de Lima  
Luciana Pereira Ogando  
Débora Souza do Nascimento  
(Orgs.)



Edufac

## **Revisão de Texto**

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

## **Revisão Técnica:**

Maria José Ricardo de Lima e Hélio Camilo Rosa

**Primeira Edição:** 2014 (Edufac/Graf-set)

Segunda impressão: 2014

Terceira impressão: 2016

**Segunda Edição:** 2022 (Edufac/Fábrica do livro)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673

Uma história do Acre em retalhos / Reginâmio Bonifácio de Lima, Luciana Pereira Ogando, Débora Souza do Nascimento (Org). – 2ª ed. – Rio Branco: Edufac, 2022.  
60 p. : il.

Autores dos Textos e Retalhos: (Alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação / 2014)

ISBN: 978-65-88975-43-5

1. Acre – História. I. Título.

CDD 22. ed. 981.12

**Bibliotecária Responsável:** Tábata Nunes Tavares Bonin /  
CRB 11-935

## **AUTORES DOS TEXTOS E RETALHOS**

### **Alunos do 8° e 9° ano do Ensino Fundamental do CAp/2014**

Adrya Vitoria Mota Braun  
Angela Celeste Abud S. Maior  
Bruna Lima de Queiroz  
Brunna Clara Oliveira de Souza  
Chrislyne Saldanha dos Reis  
Diego Henrique S. Cavalcante  
Dislan José de Souza Melo  
Gabriela Miki Lopes Yanai  
Geovana Carneiro Silva  
Gessinaldo P. Monteiro Junior  
Hellen Santos de Freitas  
Laura Leite Carneiro  
Luana Adriano Rocha  
Ludmila Gomes  
Mirian Bezerra de Abreu  
Paulo Vitor Nascimento da Silva  
Pedro Henrique Braga Santos  
Raquel Onorato de Lima  
Rayane Cavalcante dos Santos  
Sarah Castro Lima  
Thaís Cristina Carvalho da Costa

## **ALUNOS COLABORADORES NOS ESTUDOS E PESQUISAS**

### **Colaboradores da Turma 81/2014**

Adryan, Alice, Amanda Victória, Ariel, Barbara, Bruna, Camila, Davi, Francisca Yasmin, Jean Felipe, Johnny, Julia, Kenno, Laressa, Larissa, Layron, Letícia, Matheus, Maurício, Mirla, Neydson, Sara, Taina, Thais, Yasmin.

### **Colaboradores da Turma 91/2014**

Alanis, André, Aylison, Evelyn, Fabiane, Gabriel, Gabriela, Geovana, Isabela, João Victor, Kalieny, Kathiellen, Luanna, Matheus, Melrielly, Otávio, Rafael, Sheryda, Tallys, Victória, Vitor, Vytor, Willian.

### **Colaboradores da Turma 92/2014**

Alaice, Alice, Andreian, Carlos Eduardo, Carlos Magno, Daniel, Jhonatan, João Otavio, João Paulo, Julia, Karen, Laura, Marcos Guilherme, Marcos Vinícius, Rilory, Ruan, Ryslame, Thiago, Thyago, Valdemar, Ygor.

# **APRESENTAÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO**

## **Pluralidades Convexas**

Ficamos muito felizes com os textos produzidos pelos alunos em 2014. Estes, a partir de recortes, conseguiram exprimir “uma história do Acre em retalhos”. Dizemos “uma” porque a história é plural e temos consciência disso. Neste trabalho descritivo, pontual e produzido pelo Ensino Fundamental para o Ensino Fundamental, há a intenção de citar acontecimentos, não de analisá-los. Nossos alunos, no futuro, conseguirão fazê-lo com a maturidade necessária.

Queremos deixar claro que o Acre de Galvez é o mesmo de Neutel Maia; o Acre de Plácido de Castro é o mesmo de Gabino Besouro; o Acre de José Augusto é o mesmo de Edgard Cerqueira; o Acre de Chico Mendes é o mesmo de Darli Alves.

Inauguramos, em 2014, uma fase: a do livro de bolso com relatos singelos. O menor livro produzido no Acre em formato 7,0 por 4,5 centímetros traz à tona possibilidades. Não “a história do Acre”, mas uma “possibilidade” que se fez chegar até nós por aqueles que tiveram suas vozes ouvidas ante aos conflitos e discordâncias.

Uma nova fase se inicia: a dos óculos. Oito anos se passaram. Nossos pequeninos que fizeram os rascunhos deste livro já se formaram na



Faculdade. O tempo passou e com ele, a visão já não é a mesma que antes. Quisemos continuar com o livro de bolso, mas, desta vez, em formato um pouquinho maior: 15,0 por 10 centímetros. Foram três impressões da primeira edição – mais de 2.000 exemplares disponibilizados à comunidade escolar. Nesta segunda edição, escolhemos, de propósito, seguir a mesma intenção de não modificar o texto, apenas atualizamos alguns dados. Em 2022, continuamos a parceria com a Edufac, além dos exemplares em papel, estamos inovando com o livro digital, em acesso gratuito, ampliando ainda mais o leque de leitores. Nosso agradecimento ao professor Eduardo Carneiro pela cessão de seus esquemas e infográficos já utilizadas por nossos estudantes em 2014 e que agora podem ser publicados.

A proposta nunca foi ser o melhor livro de história do Acre. Estamos saindo de uma pandemia e 2022 nos inspira a seguir em frente. Quisemos e queremos “trazer à memória aquilo que nos dá esperança”, quem sabe ser o lembrete, a possibilidade, a projeção com muitos espaços em branco onde cada um possa contribuir e somar para que tenhamos acesso às histórias vividas e sonhadas neste rincão “abençoado por Deus e bonito por natureza”.

**Reginâmio Bonifácio de Lima**

## **PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO**

### **Bem-vindos ao Brasil acreano**

O Acre, último rincão a compor a enorme colcha de retalhos brasileira, é o lugar da pluralidade. Seringueiros-nordestinos, índios das mais diversas etnias, negros de várias nações, sírio-libaneses, centro-sulistas, e tantos outros, vêm, ao longo dos anos, construindo o enorme mosaico acreano.

Diante dessa multiplicidade, os alunos do Colégio de Aplicação da Ufac ousaram a feliz escolha do título deste minilivro, que traz consigo o charme de ser a menor obra já publicada no Acre. E o encanto de "Uma História do Acre em Retalhos" não reside somente nesta faceta, mas, principalmente, no fato de ser este um livro escrito por alunos do Ensino Fundamental para alunos do Ensino Fundamental.

Diante da originalidade da iniciativa só nos resta parabenizar os Professores Reginâmio Lima, Luciana Ogando e Débora Souza pelo excelente trabalho que desenvolveram com seus alunos. Esta obra

comprova a importância de nosso Colégio de Aplicação enquanto local de desenvolvimento de práticas educacionais inovadoras.

Logo, não nasce da ideia de fazer um "Tratado de História do Acre", mas de demonstrar que nossos alunos são capazes de produzir trabalhos de qualidade, marcados pela inovação e pelo sabor da descoberta do lugar onde vivem.

**Maria Iracilda G. C. Bonifácio**

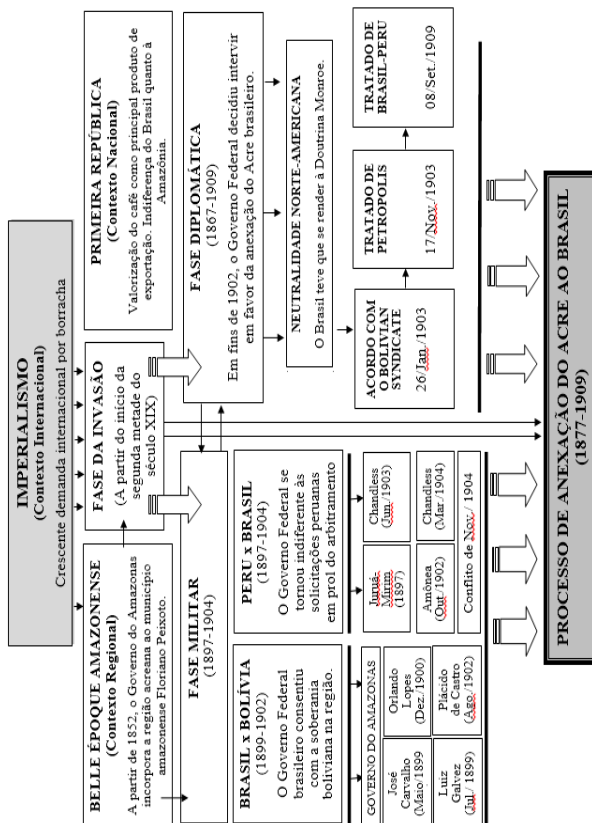
Editora de Publicações - Edufac

## UWÁKÜRÜ (UAQUIRI)

O nome de origem Aruák, pelo qual os Apurinãs chamavam o rio em que se situam as terras que atualmente formam Rio Branco, tem algumas traduções: “rio dos jacarés”, “rio verde”, “rio sossegado”. Em uma das versões registradas pela história, o colonizador João Gabriel de Carvalho Melo fez por escrito um pedido de mercadorias a um comerciante paraense, em 1878, anotando como local de entrega a “boca do rio Aquiri”. Não entendendo a letra de Melo, que parecia ter escrito “agri” ou “acri”, o comerciante encaminhou as compras ao colonizador com destino ao “rio Acre”.

Acre, por sua vez, tem dois significados modernos: do português, significa de sabor “azedo”, “amargo”, “de cheiro forte”; do árabe, Akko, apocopação de Adkko (“terra até aqui”), significa “terra da luz”.

# Esquema 1 – Processo de Anexação do Acre.



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## **AS GENTES DA TERRA: OS ÍNDIOS**

Os primeiros habitantes da Amazônia chegaram por volta de 10.000 a.C. Em 1616, cerca de 6 milhões de índios habitavam a região, desde antes da chegada dos portugueses. No Acre, na segunda metade do século XIX, viviam cerca de 150 mil índios, distribuídos em 50 etnias. Dentre outros, habitavam as terras acreanas os seguintes povos indígenas: Jaminawa, Kampa, Machineri, Jaminawa-Arara, Ashaninka, Kapechene, Kanamari, Maniteneri, Bendiapa, Tucinawa, Shawãdawa, Kapanawa, Nawá, Masco, Senche, Yanavo, Shanenawa, Sipinawa, Kaxinawa (Huni Kui), Ararawa, Marinawa, Yubanawa, Puyanawa, Amahuaka, Aninawa, Contakiro, Katiana, Koto, Madijá (Kulina), Katukina, Kufigeneri, Kuntanawa, Nukini, Yaminawa, Yawanawá e Sainawa.

Eles viviam da pesca, da coleta de frutos e da agricultura, possuindo bom domínio da técnica de cerâmica e do artesanato.

Os primeiros contatos com os brancos ocorreram quando das expedições de comerciantes vindos do Amazonas em busca das “drogas do sertão”.

As Terras Indígenas somam uma área aproximada de 14,56% da extensão territorial do Estado, perfazendo um total de 2.390.112 hectares, sendo que das 580 terras indígenas do Brasil, 31 localizam-se no Acre. O Estado é a unidade da federação com maior diversidade biológica e étnica, 3% de toda a população indígena do Brasil vive em território acreano, correspondendo a 14 povos indígenas em 31 etnias, espalhados por 209 aldeias, totalizando 19.962 indígenas aldeados, sem contar os isolados e os que vivem nas cidades.

## População Indígena - 2015

Municípios/etnias	Quantidade	
	Aldeia	População
<b>Acre</b>	<b>209</b>	<b>19.962</b>
<b>Assis Brasil</b>		
Jaminawa, Machineri	6	298
<b>Assis Brasil e Sena Madureira</b>		
Machineri, Jaminawa	16	1.082
<b>Cruzeiro do Sul</b>		
Katukina, Jaminawa, Jaminawa-Arara	9	921
<b>Feijó</b>		
Ashaninka, Madijá (Kulina), Huni Kui (Kaxinawá), Shanenawa	32	4.227
<b>Jordão</b>		
Huni Kui (Kaxinawá)	32	2.473
<b>Mâncio Lima</b>		
Puyanawa, Nukini, Nawa	7	1.440
<b>Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus</b>		
Huni Kui (Kaxinawá), Madijá (Kulina)	53	4.799
<b>Marechal Thaumaturgo</b>		
Huni Kui (Kaxinawá), Ashaninka, Jaminawa-Arara, Kuntanawa, Apolima-Arara	18	1.750
<b>Porto Walter</b>		
Shawädawa	3	542
<b>Sena Madureira</b>		
Jaminawa, Machineri	8	360
<b>Tarauacá</b>		
Huni Kui (Kaxinawá), Ashaninka, Yawanawá, Katukina	25	2.070

Fonte: DSEI, AEAJ.  
 Nota: Dados referentes a abril/2015.  
 Os municípios de Feijó, Jordão e Santa Rosa do Purus possuem povos indígenas isolados que não foram contabilizados.

**Fonte:** ACRE, 2017.



## **A OCUPAÇÃO PORTUGUESA DO VALE AMAZÔNICO**

Desde antes de 1493, as Coroas Espanhola e Portuguesa viviam em conflito por terras. A América já havia sido ‘encontrada’ e as atenções do mundo se voltavam para o território onde hoje está situada a Amazônia. Isso resultou no Tratado de Tordesilhas, que foi assinado em 07 de julho de 1494.

Tempos depois, Portugal ‘descobre’ o Brasil e sai em busca das drogas do sertão, principalmente na Amazônia, dando origem ao Tratado de Madri, assinado em 13 de janeiro de 1750, e ao de Santo Ildefonso, de 10 de outubro de 1777. Ambos, porém, não especificaram na delimitação a área referente ao Acre.

Por essa época, o mundo voltava-se extasiado para a descoberta de uma infinidade de artefatos que podiam ser feitos a partir da borracha. Em 1762, com o uso da terebintina, houve um avanço na qualidade da consistência da borracha e um conseqüente incremento na produção.

## **O ENTRADISMO E A NASCENTE DO RIO JAVARI**

Durante a União Ibérica do século XVII, no ano de 1640, o jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña relatou que Pedro Teixeira fez a tomada de posse para a Coroa Portuguesa das terras onde se situava a nascente do Rio Javari.

Esse empreendimento expedicionário oficial, em cumprimento às ordens do governador do Grão-Pará, ao fixar a fronteira a mais de 2.500 km da foz do Rio Amazonas, tratou de assegurar para os portugueses a posse da maior parte do principal rio e das terras da Amazônia, antes que ocorresse a separação das coroas e Portugal voltasse a ter um rei.

## **AS EXPEDIÇÕES NA AMAZÔNIA**

A colonização e a conquista da região amazônica tiveram como motivação a busca de riquezas minerais e vegetais e da consolidação de um sistema de produção mercantilista.

Os rios da Amazônia, durante os séculos XVI e XVII, foram explorados por Vicente Pinzón (1460-1523) e Francisco de Orellana (1490-1546).

### **As expedições espanholas**

Até por volta de 1570, em torno de 24 expedições espanholas tentaram penetrar na Amazônia. Duas delas percorrem totalmente a calha do Rio Solimões – Amazonas: a de Francisco de Orellana (1542) e a de Pedro de Ursúa e Lopo de Aguirre (1560-1561). O objetivo era encontrar formas de produzir especiarias para competir com os portugueses.

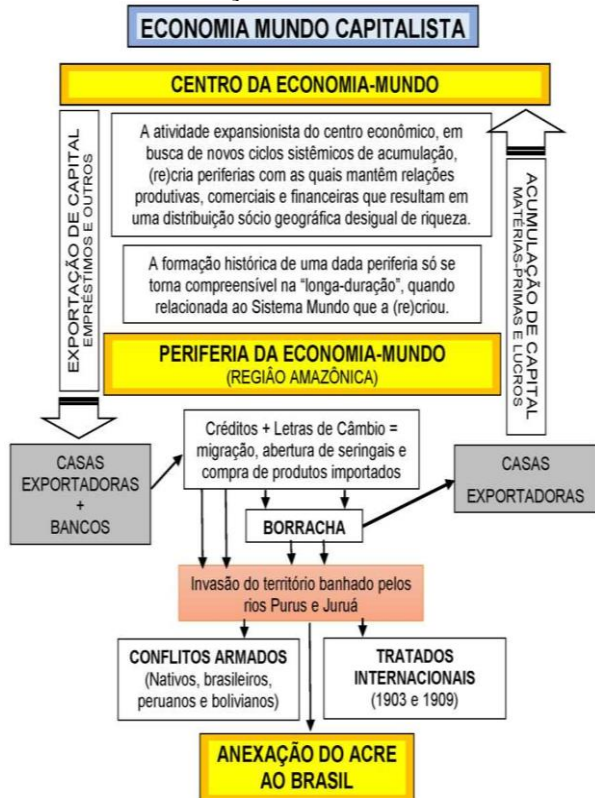
## **As expedições portuguesas**

Com a União Ibérica, os portugueses receberam ordens para empreenderem a conquista do oeste da Amazônia, que já estava sob posse espanhola. A expedição de Pedro Teixeira (1637-1639), composta por 47 canoas, 70 portugueses, cerca de 2 mil índios remeiros e flecheiros e tendo como guias Brieba e Toledo, chegou a Quito em 12 meses, resultando no domínio português de um vasto território na região amazônica.

## **As expedições na Amazônia Sul-Occidental**

A primeira expedição de que se tem notícia na região dos rios Madeira e Javari, datada de 30 de abril de 1753, trata de uma Ordem Real de D. José I para Francisco Xavier de Mendonça Furtado – governador do Grão-Pará. A segunda expedição, de 23 de novembro de 1758, foi liderada por Antônio Rolim de Moura. Essas expedições tinham como objetivo definir as áreas de fronteiras na Amazônia entre Portugal e Espanha.

## Esquema 2 – A Economia-Mundo e a anexação do Acre ao Brasil

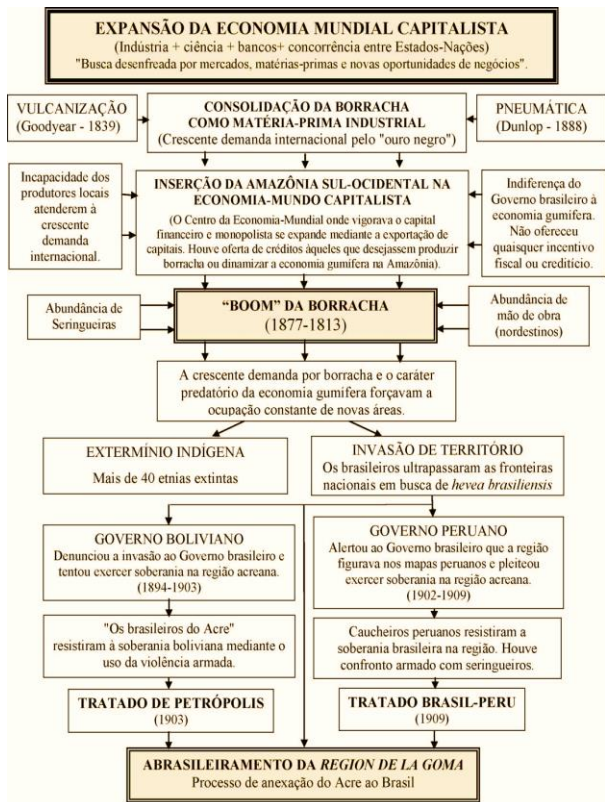


Fonte: CARNEIRO, 2014.

## **EXPEDIÇÕES NA REGIÃO ACREANA**

Em 1852, o Acre foi anexado à Província do Amazonas, como parte da Província do Rio Negro. Na intenção de encontrar especiarias – também denominadas “drogas do sertão” - para comercializar, várias expedições foram realizadas na região acreana: a de João Rodrigues de Cametá, de Serafim Salgado, de Manuel Urbano da Encarnação, de João de Cunha Correia e a de William Chandless. Com o término das expedições, a Amazônia estava aberta para a exploração.

## Esquema 3 – A Expansão da Economia Mundial e a anexação do Acre ao Brasil.



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## O VAPOR E O RIO

Com a introdução de barcos a vapor, em 1853, e a abertura do Rio Amazonas à navegação internacional, em 1866, a comercialização da borracha aumentou consideravelmente. A Europa estava vivenciando o início da Revolução Industrial e o mundo em industrialização estava querendo usufruir as riquezas da Amazônia. Várias estratégias garantiram o vale amazônico à coroa portuguesa, dentre elas, a assinatura do Tratado de Ayacucho, em 27 de março de 1867.

A demanda para a exploração da borracha existia desde 1839, mas somente foi suprida com a grande seca do Nordeste em 1877. Em 23 de setembro de 1898 o Governo brasileiro reconhecia a área sob litígio (Amazônia) como boliviana.



## **A ORIGEM DA CIDADE DE RIO BRANCO**

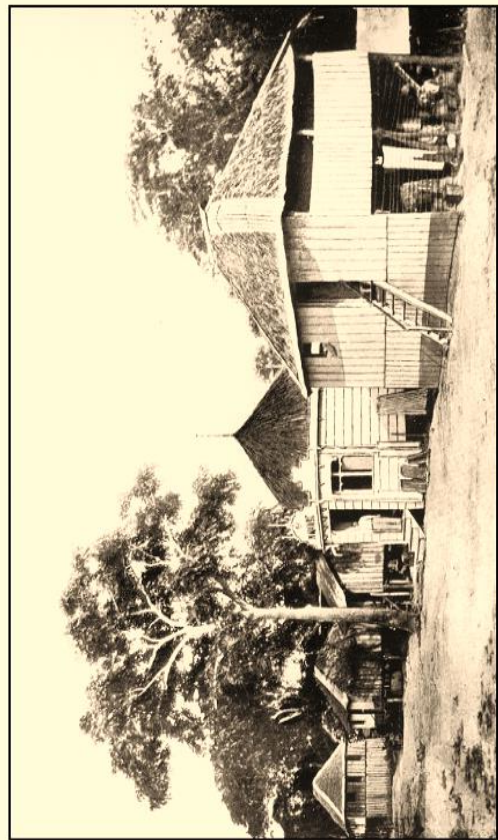
Rio Branco teve origem em 1882, à margem esquerda do Rio Acre, por iniciativa do cearense Neutel Newton Maia, fundador do Seringal Empreza. O Território do Acre ainda não existia oficialmente nas leis do Brasil e nos mapas de geografia, embora as terras já fossem contadas em mapas e obras bolivianas.

Pelo fato de os brasileiros e os bolivianos terem interesse nas terras do Acre e não conseguirem chegar a um acordo, em 1903 estourou a quarta fase da Revolução Acreana. Em Rio Branco aconteceram conflitos entre as tropas lideradas por Plácido de Castro e as do Exército boliviano.

Durante o conflito, em 1903, a localidade foi escolhida pelo Gen. Olímpio da Silveira para ser a sede do Governo Setentrional do Acre e da Divisão do Exército Brasileiro. Em 22 de agosto de 1904, foi elevada à categoria de vila com o nome de Volta da Empreza, cuja sede situava-se à margem direita do Rio Acre.

Em 07 de setembro de 1904, a vila tornou-se a sede provisória do Departamento

do Alto Acre e, em 23 de outubro de 1912, passou à categoria de cidade. O município de Rio Branco foi criado e instalado em 15 de fevereiro de 1913.



**Casa Comercial da Vila Rio Branco, do Sr. Newtel Maia e Cia.  
Armazéns dos Srs. Apolinário, Floguel e outros.**

**Fonte:** Memorial dos Autonomistas.

## **O ESTADO INDEPENDENTE DO ACRE**

Antes da Revolução Acreana, um espanhol nascido em Cádiz e formado em Direito, chamado Luiz Galvez Rodriguez de Árias, proclamou em Rio Branco, no dia 14 de julho de 1899, o Estado Independente do Acre. Sua intenção era tornar o Acre um país independente como a França, Inglaterra, Estados Unidos ou mesmo o Brasil.

Após a Proclamação do Estado Independente do Acre, ele mandou cartas para os principais países europeus comunicando o surgimento de um novo país. O Brasil não concordou com Galvez e deu suporte para os brasileiros e o Estado do Amazonas destruírem os intentos separatistas no Acre.

## O “BOLIVIAN SYNDICATE”

A saída de Luiz Galvez da região acreana e o fim do Estado Independente do Acre não resolveram as disputas entre o Brasil e a Bolívia. A administração boliviana foi restabelecida na cidade de Puerto Alonso (atual Porto Acre) em 06 de setembro de 1900.

Logo a Bolívia começou a negociar com o “Bolivian Syndicate” – um grupo de grandes empresários ingleses e norte-americanos – a soberania da região no conflito fronteiriço. Os bolivianos pretendiam arrendar o Acre para o “Bolivian Syndicate”, e este, em contrapartida, expulsaria os brasileiros do território; porém, a notícia foi descoberta a tempo da ação ser evitada.

## **A BOLÍVIA E O BRASIL DISPUTANDO O ACRE: A REVOLUÇÃO ACREANA**

Ao perceber que as terras acreanas poderiam gerar grandes riquezas com a exploração da borracha, o Estado do Amazonas resolveu reivindicar através das armas a região, que se encontrava sob o domínio da Bolívia. Todavia, a campanha, que ficou conhecida como Expedição dos Poetas, composta de intelectuais, jornalistas, advogados e até bêbados, totalmente despreparados para uma batalha, sofreu uma derrota vergonhosa.

A resposta brasileira se deu com a escolha do jovem José Plácido de Castro, gaúcho de São Gabriel, para o comando das operações militares pela posse do Acre. Ele já havia atuado militarmente da Revolução Federalista (1893-1895) e estava no Acre trabalhando como agrimensor.

Os embates entre Brasil e Bolívia duraram meses. Os revoltosos seringueiros tomaram o Alto Acre. Finalmente, o momento decisivo se aproximava. Na madrugada do dia 6 de agosto de 1902, os brasileiros ocuparam a Vila Xapuri e prenderam as autoridades bolivianas.

## **O CERCO DE PORTO ACRE E A ÚLTIMA INSURREIÇÃO**

O exército boliviano estava fragilizado, era formado por soldados famintos que foram enviados para combater nas terras do Acre, mas que pouco tinham de provisões e de fluxo de atividades com a sede do governo boliviano. Mais da metade do território da Bolívia já houvera sido perdido em conflitos contra Paraguai, Peru, Argentina e Chile. Os soldados bolivianos tentavam proteger a possível maior fonte de renda que tinham a disposição em seu território. Os dias iam se passando e cada vez mais a Bolívia ficava sem saída.

A última insurreição acreana se deu entre 06 de agosto de 1902 e 24 de janeiro de 1903. A rendição veio quando os brasileiros atacaram Puerto Alonso (Porto Acre), em uma batalha que durou dos dias 15 a 24 de janeiro de 1903, quando os insurretos cortaram a corrente que os bolivianos haviam colocado no rio Acre para impedir a passagem do navio “Afuá”, que trazia armas e alimentos para os revolucionários.

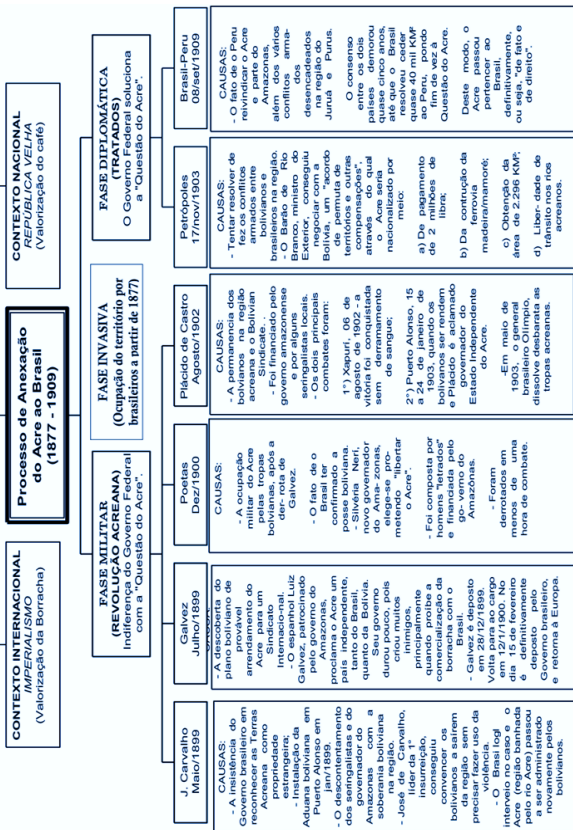
## **O TRATADO DE PETRÓPOLIS E O DESTINO DO ACRE**

Os conflitos entre o Brasil e a Bolívia acabaram de fato quando foi assinado o Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903. Por este acordo, firmado por Rio Branco, Assis Brasil, Fernando Guachalla e Cláudio Pinilla, o governo brasileiro comprou o Acre dos governantes bolivianos, mediante a indenização de 2 milhões de libras esterlinas. Além disso, o Brasil se comprometia a construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para que os bolivianos escoassem sua produção pelo rio Amazonas.

Depois da assinatura do Tratado de Petrópolis surgiu uma questão: Quem governaria este rico pedaço de terra incorporado ao Brasil? Três foram os interessados: o Governo Federal Brasileiro, o Governo do Estado do Amazonas e o Movimento Autonomista do Acre.



# Esquema 4 – A anexação do Acre ao Brasil



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## **O ACRE TORNA-SE “TERRITÓRIO FEDERAL”**

Em 25 de fevereiro de 1904, o Congresso Nacional autorizou o Presidente do Brasil, Rodrigues Alves, a administrar o Acre. Com essa ação, o Brasil “inovou” criando o Território Federal do Acre e, com isso, administrou a expropriação das riquezas adquiridas com a borracha acreana.

Com a transformação do Acre em Território Federal, frustravam-se os intentos do Estado do Amazonas, que reivindicava as terras como suas, e do Movimento Autonomista, que lutava para que o Acre se tornasse um Estado brasileiro.



## **O SERINGAL COMO UNIDADE PRODUTIVA**

O Estado do Amazonas e a Bolívia brigavam pelo Acre devido à existência de muitas seringueiras na região. Estas árvores produziam o látex, com o qual eram confeccionadas as pelias de borracha. Naquele período, a borracha era uma riqueza tão importante que a chamavam de “ouro negro”.

Com a descoberta desta nova riqueza surgiram os seringais, unidades produtivas em que se exploravam as seringueiras, normalmente situados às margens dos rios.

O seringal era onde o seringueiro vivia, colhia o látex e produzia a borracha. Em sua estrutura, havia o barracão, as colocações, as estradas de seringa e o tapiri. Os donos dos seringais não eram os seringueiros, mas os seringalistas, os patrões.

Para estabelecer um seringal era preciso procurar um lugar apropriado para a sua fixação, construir as divisões necessárias, conseguir trabalhadores, que eram em sua maioria nordestinos e, por último, obter o fornecimento de mercadorias junto a uma casa aviadora.

## **O BARRACÃO, AS COLOCAÇÕES, AS ESTRADAS E OS TAPIRIS**

O barracão – sede do seringal – era o setor em que se viabilizava o domínio do capital sobre a força de trabalho, a partir de mecanismos coercitivos nitidamente econômicos (a dívida no barracão) ou extraeconômicos (regulamentos, fiscalizações, castigos, etc.).

As colocações, local onde viviam os seringueiros, se dividiam em estradas de seringa. Geralmente, uma colocação podia possuir até 09 estradas, sendo trabalhada por 03 seringueiros. As estradas eram “de margens” ou “de centro”. As “de margens” saíam por um lado do tapiri indo até o outro. As de centro partiam do tapiri e iam até a estrada de seringa, sendo quase sempre “de manga” (iam e vinham pelo mesmo local). O defumador era o local onde se defumava a borracha e o tapiri era o local onde o seringueiro vivia.

## O DOMÍNIO DO CAPITAL

Imponentes e alheias à vida do homem nos seringais, as casas aviadoras de Belém e Manaus controlavam a produção dos seringais. Elas financiavam com mercadorias 100% da produção, pelo sistema de aviamento, pelo qual se formava um círculo vicioso: os banqueiros e comerciantes da Inglaterra e de outros lugares da Europa aplicavam seu dinheiro na Amazônia a partir das Casas Aviadoras. Estas, por sua vez, concediam empréstimos, alimentos, armas e instrumentos de trabalho para os seringalistas pagarem com borracha. Os seringalistas vendiam aos seringueiros, a um preço muito alto, as mercadorias adquiridas nas Casas Aviadoras.

Em suma, os seringueiros precisavam comprar as mercadorias dos seringalistas para sobreviver; estes precisavam dos empréstimos das Casas Aviadoras para abrir e manter um seringal; e estas precisam vender a borracha para a Europa para continuar o ciclo.

## **OS VARADOUROS**

Em alguns lugares da zona rural do Acre ainda existem varadouros. Eles são pequenas estradas que ligam o barracão às colocações, as colocações entre si, um seringal a outro e às sedes municipais. Através do varadouro as mercadorias eram deixadas para os seringueiros e as pelas de borracha eram trazidas para o barracão, a sede dos seringais.

Se os rios eram as estradas por onde se escoava a produção de borracha e de mantimentos, os varadouros eram os caminhos e as trilhas no meio da floresta para o escoamento do látex e a interligação das localidades.

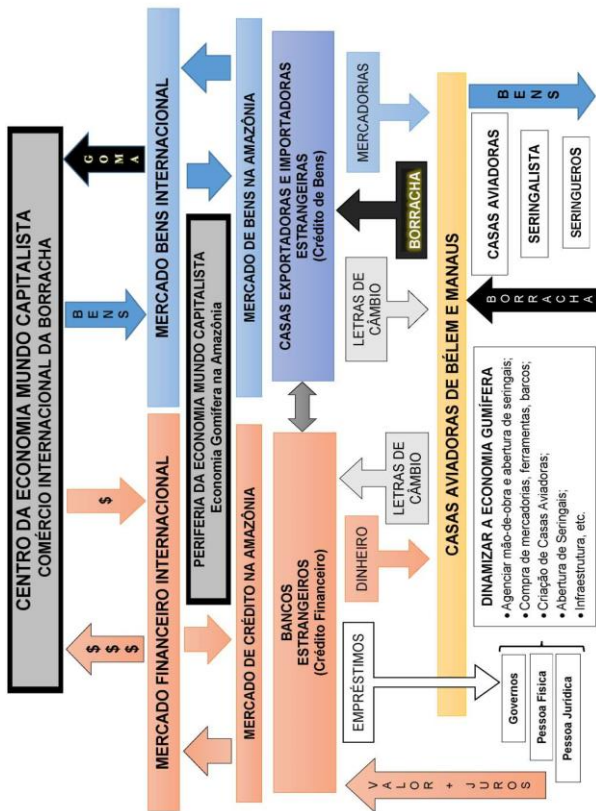
## **A DIVISÃO SOCIAL E TÉCNICA DO TRABALHO NO SERINGAL**

Os trabalhadores dos seringais se dividiam em diversos setores: no primeiro, estavam o patrão ou dono, o gerente, o guarda-livros, os caixeiros, os fiscais e os noteiros; no segundo, os comboieiros; no terceiro, o mateiro, o toqueiro e o roceiro e os capangas; no quarto, os caçadores, os pescadores, os canoeiros e os cortadores de seringa, ou seja, os seringueiros.

O seringueiro estava na base da pirâmide social. Justamente quem mais trabalhava no pesado para a produção do 'ouro negro da floresta' era quem menos recebia recursos e estava sempre sendo explorado em sua mão de obra.

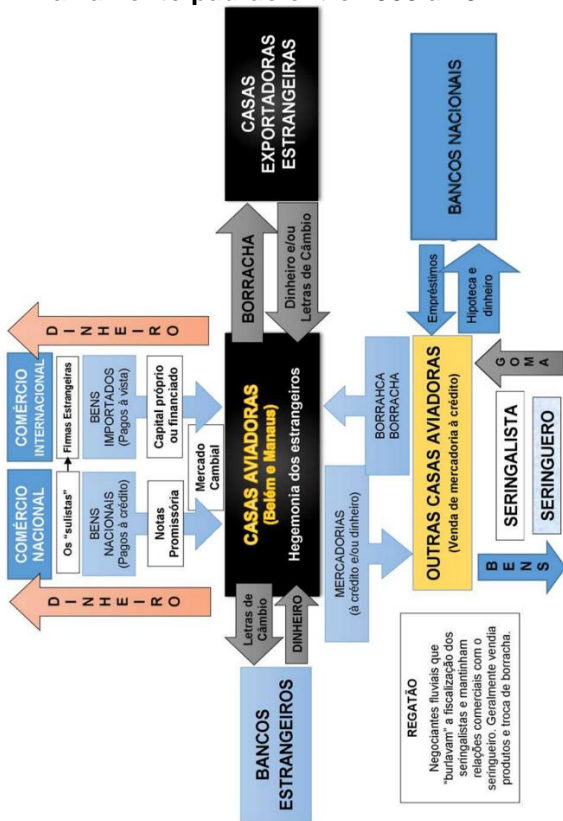


## Esquema 4 - Sistema de aviação até meados dos anos 1880



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## Esquema 5 – Sistema de aviação padrão entre 1900 a 1912



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## **O SISTEMA DE AVIAMENTO**

O sistema de aviamento compunha-se de elementos interdependentes e funcionava da seguinte maneira: o seringueiro produzia a borracha e entregava para os seringalistas, que entregavam para as casas aviadoras, que entregavam para o capital industrial financeiro.

## **O “CAUCHO” ACREANO**

Além da seringueira, existia na região acreana outra árvore da qual se extraía o látex. Era o “caucho”, que fornecia mais leite que a seringueira; porém, a árvore precisava ser cortada para que o caucho fosse extraído, enquanto que a seringueira precisava apenas ser “riscada” no caule. Os peruanos que produziam borracha a partir do leite dessa outra árvore eram chamados de caucheiros.

## **PRIMEIRO SURTO DA BORRACHA NO ACRE**

Durante muito tempo, o Brasil não se interessou em explorar as terras da Amazônia. As expedições que chegavam à região destinavam-se basicamente à coleta de “drogas do sertão”. No final do século XVII, em uma dessas viagens, os europeus se admiraram quando viram que os índios brincavam com uma bola que, ao ser jogada de encontro ao solo, pulava, e isso desafiava as leis naturais.

Os europeus descobriram que essas bolas eram feitas de borracha, e, com isso, vários países ficaram sabendo da descoberta e mandaram cientistas e botânicos para analisar o leite da seringueira. Um deles, Charles Marie de La Condamine (1701- 1774), descobriu que o látex era muito resistente.

No final do século XIX, a indústria automobilística mundial vibrou com a descoberta de borracha na Amazônia. Passaram, então, a explorar o “ouro negro”, existente em abundância nas terras hoje acreanas. Com o primeiro surto da borracha, que se deu de 1879 a 1912, vários nordestinos migraram para o Acre em busca de uma vida melhor e de riquezas.

## **A CRISE DA BORRACHA AMAZÔNICA**

O contrabando de sementes das seringueiras da Amazônia para formar os seringais da Malásia trouxe a grande crise da borracha ao Brasil. As indústrias estrangeiras começaram a receber um produto muito mais barato que o da Amazônia.

Belém e Manaus eram as principais cidades que recebiam a borracha e principalmente o lucro desse trabalho. A profunda crise levou à falência seus comerciantes.

O Acre foi duramente atingido pela crise, tendo suas finanças diminuídas. Surgia, assim, na localidade, uma economia baseada no cultivo de vários produtos agrícolas, como mandioca, arroz, feijão e milho.

## **O SEGUNDO SURTO DA BORRACHA**

O segundo surto da borracha ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nessa época, o Acre voltou a ser o principal fornecedor de borracha, pelo fato de o Japão haver tomado os seringais da Malásia, deixando os EUA, a Inglaterra e a França sem o produto (principal matéria-prima da guerra).

## **OS ACORDOS DE WASHINGTON**

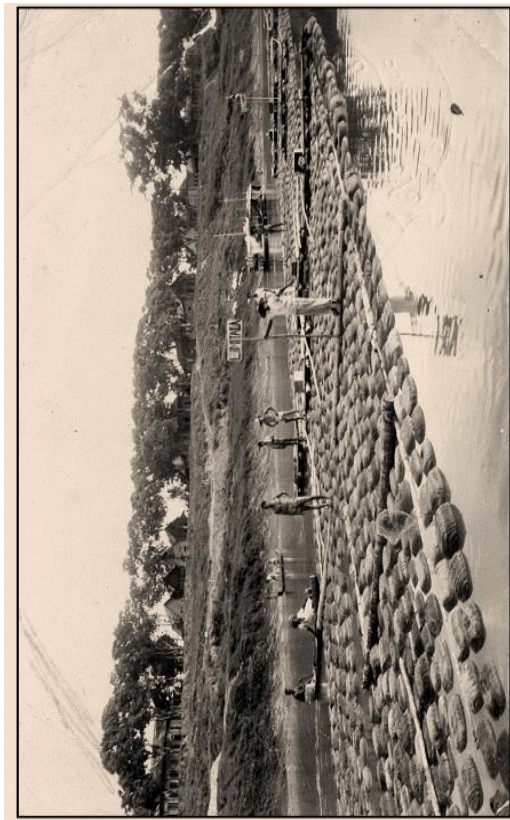
Para assegurar a migração de nordestinos (soldados da borracha), além da liberação de tanques, armas e equipamentos foram assinados os Acordos de Washington. O objetivo desses acordos era reativar os seringais da Amazônia. Para manter os vários acordos realizados pelos EUA foi criado o Banco de Crédito da Borracha.

## **A BATALHA DA BORRACHA**

Durante a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de recrutar homens de todas as regiões para o corte da seringa, a “Batalha da Borracha” trouxe ao Acre milhares de migrantes nordestinos que para cá vieram se refugiar da seca.

Ao trocar os fuzis pelas facas de seringas, os campos de batalhas pela selva amazônica, esses homens foram responsáveis pela imensa produção de látex durante o segundo ciclo da borracha, visando, principalmente abastecer os países Aliados que estavam na Grande Guerra.

## Balsa de Pelas de Borracha, 1950.



Balsa de pélas de borracha da Casa Aviadora "A Limitada".  
Década de 1950.

**Fonte:** Memorial dos Autonomistas.



## **A ELEVÇÃO DO ACRE A ESTADO**

O Acre foi elevado à categoria de Estado em 15 de junho de 1962, com a assinatura da Lei 4.070, pelo presidente João Goulart. O Projeto foi apresentado em 1957 pelo Senador José Guimard dos Santos, que foi governador do Território do Acre no período de 1946 a 1950.

## **A CONSTITUIÇÃO ESTADUAL**

O Acre, durante cinquenta e oito anos, não teve sua própria Constituição, sendo governado pelas normas da Constituição Federal. Em 07 de outubro de 1962, o povo acreano elegeu seus primeiros governantes. Em 1.º de março de 1963, promulgaram a primeira Constituição Acreana, que passou por modificações em 1971, sendo novamente promulgada em 3 de outubro de 1989 e atualizada por meio da Emenda Constitucional nº 54, de 12 dezembro 2019.

## **O ACRE “MODERNO”**

Devido à borracha ser a principal atividade econômica no Acre, as pessoas moravam mais nos seringais que nas cidades. Contudo, no período entre 1927 e 1930 esse quadro começou a mudar. Nessa época, o Acre foi governado pelo advogado e engenheiro paraense Hugo Carneiro. Ele ficou conhecido como o governador que trouxe a “modernidade” para o Acre, em especial para a cidade de Rio Branco, de acordo com o modelo europeu de urbanização que estava sendo usado à época em Paris, na França.

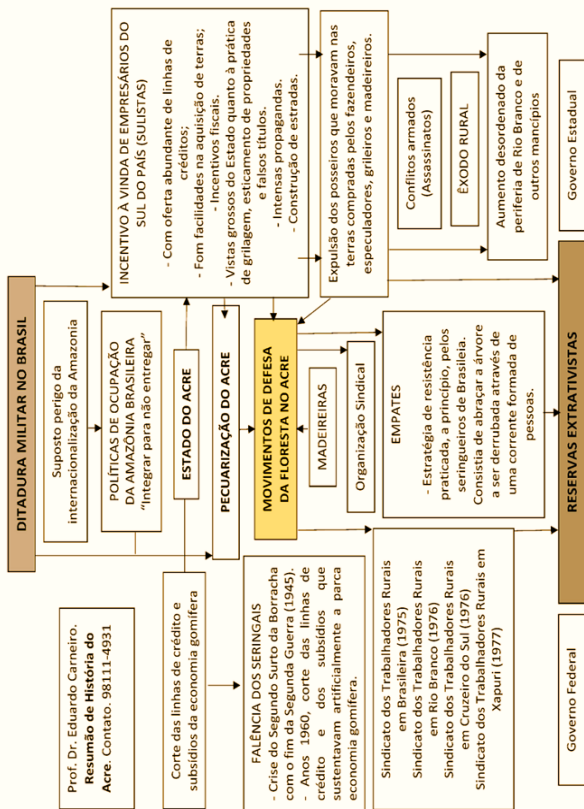
Não existiam nem casas nem prédios de alvenaria no Acre. Foi ele quem iniciou as construções do Palácio Rio Branco, que, até então, era um barracão de madeira coberto por telhas de barro. Em seu governo foi também construído o Mercado Municipal de Rio Branco, conhecido hoje como “Novo Mercado Velho”, o Quartel da Polícia Militar, e foi instalada a agência do Banco do Brasil no Acre. Enfim, esse governador tentou transformar Rio Branco em uma cidade “moderna” para a Amazônia na época.

## **A EXPANSÃO DA PECUÁRIA**

Em 1964, por meio de um golpe, os militares instalaram um regime político no Brasil chamado de Ditadura. A Ditadura Militar durou cerca de 21 anos (1964-1985). Quando os militares assumiram a Presidência da República traçaram um plano econômico específico para a Amazônia. Decidiram que o Acre deveria adotar uma atividade econômica mais moderna, substituindo a coleta de castanha, a criação de animais para a subsistência e a extração da borracha pela agropecuária.

Na década de 1970, o Acre passou pela expansão do capitalismo. Compradores do Centro-Sul do Brasil começaram a ter interesse pelas terras acreanas, devido à crise do extrativismo que barateou o preço das terras. Eles compravam imensas áreas por preços baratos e revendiam por preços bem maiores, outros derrubavam a floresta e faziam pasto para gado.

## Esquema 6 – A Ditadura Militar Brasileira e seus efeitos no Estado do Acre



Fonte: CARNEIRO, 2014.

## **O EMPATE E A PERMANÊNCIA DA FLORESTA EM PÉ**

O Governo Federal, durante a Ditadura Militar, atuou com projetos de colonização que tinham o duplo objetivo de amenizar as tensões políticas geradas pelos conflitos sociais em torno da disputa pela terra na região e, ao mesmo tempo, davam segmento à “modernização conservadora” em nível nacional.

A resistência seringueira frente à expansão da pecuária se intensificou a partir da organização dos sindicatos apoiados pela CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) e pela Igreja Católica, que se identificava com a Teologia da Libertação. Surgiram novas formas de luta e mobilizações coletivas que se notabilizaram como “empates”.

## O “INCHAMENTO” DA CIDADE DE RIO BRANCO

Com a política desenvolvimentista para a Amazônia, o Governo Federal, em parceria com o Governo estadual de Wanderley Dantas, decidiu implantar a agropecuária no Acre. Isso acarretou um desequilíbrio populacional no Estado.

Migrantes, principalmente do Centro-Sul do Brasil, conhecidos como “paulistas” compravam terras para transformarem em pastos para gado. Essas terras, porém, estavam sendo ocupadas por seringueiros desde a época dos seringais.

Grande parte dos seringueiros foram expulsos de suas terras e passaram a morar na periferia das cidades, principalmente da Capital Rio Branco, “inchando” a cinturão de pobreza na periferia estendida.

Com isso, a cidade de Rio Branco cresceu muito; alguns historiadores dizem que ela “inchou”. Nesse período, foram criados bairros como Taquari, Cidade Nova, Placas, Sobral, Bahia, Palheiral, João Eduardo, entre outros. Além dos acreanos, na cidade de Rio

Branco já viviam os sírios, libaneses, além dos nordestinos, que vinham dos seringais para a cidade. Também vieram para o Acre e para a cidade de Rio Branco pessoas de vários lugares, principalmente das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

## **A LUTA PELA POSSE DA TERRA E AS RESERVAS EXTRATIVISTAS SERINGUEIRAS**

Os conflitos ocorridos no Acre, principalmente a partir de 1970 até fins da década de 1980, foram decorrentes de dois fatores significativos: o primeiro foi a suspensão dos subsídios à produção de borracha por parte do Governo Federal, que resolveu direcionar esses recursos para a agropecuária; por outro lado, o Governo do Acre desenvolveu uma política de atração de empresas do Sul do país para adquirirem terras no Acre, e, conseqüentemente, implantarem projetos agropecuários. Com a atividade econômica da agropecuária, os seringueiros foram expulsos de suas terras e houve a formação de mão de obra livre, como posseiros e arrendatários.

Os seringueiros que viviam nas terras ancestrais há décadas, não se adaptaram ao sistema de colonização proposto pelo INCRA e pelos Projetos do Governo Federal. Os Sindicatos Rurais, com a liderança de homens como Elias Rosendo, Wilson Pinheiro, Osmarino Amâncio e Chico Mendes, na luta pela posse da terra, propuseram como



alternativa a regularização jurídica dos seringais e a valorização dos saberes e conhecimentos desenvolvidos no convívio com a floresta. A isso, posteriormente, se deu o nome de Reservas Extrativistas.

Até o estabelecimento das Resex, vários líderes dos trabalhadores rurais foram assassinados, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Wilson Pinheiro, do sindicato de Brasília, foi assassinado em 1980, e, Chico Mendes, do sindicato de Xapuri, foi assassinado em 1988.

## **A LONGA DÉCADA DE 1990**

A hiperinflação brasileira alcançou seu auge na década de 1990. Aliás, essa década foi de mudanças consideráveis para o Brasil e para o Acre. Em 1994, às vésperas do Plano Real, a inflação acumulada no ano estava em 4.922,60%, algo impensável para os dias atuais. A estabilização econômica iniciou em 1994, mas antes, o Acre passou por momentos de tensão.

O Governador acreano Edmundo Pinto, foi morto a tiros, no dia 17 de maio de 1992, no Hotel Della Volpe Garden, dois dias antes de depor na CPI que investigava o Superfaturamento de obras no Acre. Nessa mesma década houve o início do movimento político que se convencionou chamar de “Vianismo”. O novo governo acreano fomentou a intensificação de investigações de grupos armados nominados pela mídia como sendo “Esquadrão da Morte”. Com o fiasco brasileiro na copa de 1998 e as constantes faltas de energia ocasionadas por “mucuras que comem fios elétricos”, restava apenas aguardar o aterrador “Bug do Milênio”.

# DIVISÃO TERRITORIAL

## Divisão territorial por mesorregiões, regionais e municípios

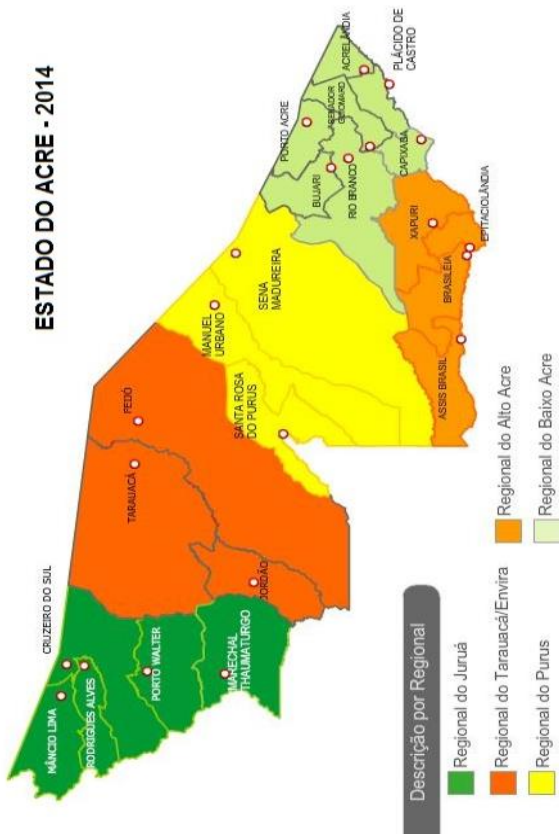
Mesorregiões e regionais	Municípios	Área Territorial (Hectares)	Participação na área do Estado (%)
<b>Mesorregião Vale do Acre</b>		<b>7.867.520,10</b>	<b>47,94</b>
Regional Purus	Manoel Urbano	4.053.180,00	24,70
	Santa Rosa do Purus		
	Sena Madureira		
Regional Baixo Acre	Acrelândia	2.225.048,80	13,56
	Bujari		
	Capixaba		
	Plácido de Castro		
	Porto Acre		
	Senador Guiomard		
	Rio Branco		
Regional Alto Acre	Assis Brasil	1.589.291,30	9,68
	Brasiléia		
	Epitaciolândia		
	Xapuri		
<b>Mesorregião Vale do Juruá</b>		<b>8.544.851,10</b>	<b>52,06</b>
Regional Juruá	Cruzeiro do Sul	3.194.472,80	19,46
	Mâncio Lima		
	Marechal Thaumaturgo		
	Porto Walter		
Regional Tarauacá-Envira	Rodrigues Alves	5.350.378,30	32,60
	Feijó		
	Jordão		
	Tarauacá		
<b>Acre</b>		<b>16.412.371,20</b>	<b>100,00</b>

Fonte: IBGE. Resolução nº 07, de 04 de dezembro de 2015.

Nota: Dados alterados em relação a publicação anterior.

Fonte: ACRE, 2017.

# ESTADO DO ACRE - 2014



Fonte: Memorial dos Autonomistas.

## **O ACRE DOS TEMPOS DIFUSOS E DO ESPAÇO DIVERSO**

No Acre, há dois padrões de organização espacial que coexistem simultaneamente: um, é direcionado ao rio e o outro para as rodovias. As organizações espaciais diversas denotam a existência de tempos diferenciados. O “Acre rápido” é representado por parte do território que é objeto de planejamento governamental a partir da década de 1960, com a implantação de energia elétrica, rodovias e comunicações. Enquanto o “Acre mais lento” aporta nas relações dos ribeirinhos, da circulação fluvial e da diversidade cultural no âmbito da floresta. Dois tempos do viver em um espaço diverso de sociabilidades e construções que aportam no fazer cotidiano.

## A Evolução Política do Acre

### O Estado Independente do Acre

- Luis Gálvez Rodríguez de Arias (14 de julho de 1889 – 1.º de janeiro de 1900)
- Antônio de Sousa Braga (assume após Golpe de estado – de 1.º a 30 de janeiro de 1900);
- Luis Gálvez Rodríguez de Arias (de 30 de janeiro a 15 de março de 1900);
- Joaquim Vitor da Silva (de 15 de março a 25 de abril de 1900 – interinamente);

### Reincorporação à Bolívia

- De 25 /04/1900 a 07/08/1902

### Novamente declarado Independente

- José Plácido de Castro  
de 07/08/1902 a 25/02/1904

### O Território Federal do Acre (1904-1962)

#### Departamentos

- Decreto n.º 1181, de 25/02/1904.
- Administração direta do Gov. Federal.
- Alto Acre – sede em Rio Branco
- Alto Purus – sede em Sena Madureira
- Alto Juruá – sede em Cruzeiro do Sul
- Movimento dos Autonomistas – 19010
- Em 1912 são criados:
- Alto Tarauacá – sede em Vila Seabra
- Municípios de Purus, Rio Branco, Xapuri, Juruá e Tarauacá

#### Governo Central

- Decreto n.º 14.383, 01/10/1920.
- Adm. por Governadores Gerais
- Extinção dos Departamentos
- 1932 – Estatuto Autonomistas
- 1937 – Câmaras Municipais fechadas
- Criação dos municípios de Feijó e Brasília (atual Brasília)
- em 1938
- Partidos PTB e PSD.
- Anibal M. F. Silva (Gov. Provisório)

### O Estado do Acre (1962 – atual)

#### A Efêmera Autonomia (1962 – 1964)

LEI N.º 4.070, de 15/06/ 1962

Governador José Augusto de Araújo (PTB)

- Criação de 06 municípios em 1963: Mâncio Lima, Assis Brasil, Epitaciolândia, Manuel Urbano, Plácido de Castro e Quinari (instalados somente em 1976)

#### Período Ditatorial (1964 – 1983)

Bipartidarismo

- Edgar Pereira Cerqueira (1964 – 1966);
- Jorge Kalume (1967 – 1971);
- Francisco Wanderley Dantas (1971 – 1975);
- Geraldo G. de Mesquita (1975 – 1979);
- Joaquim Falcão Macedo (1979 – 1983);

- Falência dos seringais - Conflitos pela posse da terra – Empates – Mortes – Êxodo rural.
- 1992 são criados 10 municípios: Rodrigues Alves, Epitaciolândia, Acrelândia, Santa Rosa do Purus, Capixaba, Bujari, Porto Walter, Porto Acre, Jordão e Marechal Thaumaturgo.
- O Acre passa a ter 22 municípios.
- O governador Edmundo Pinto é assassinado.

#### Período Democrático (1983 – 1988)

- Nabor T. da Rocha Júnior (1983 – 1986);
- Iolanda Lima (1986 – 1987);
- Flaviano Melo (1987 – 1990);
- Edson Cadaxo (1990 – 1991);
- Edmundo Pinto (1991 – 1992);
- Romildo Magalhães (1992 – 1994);
- Orleir Cameli (1995 – 1998).

#### Período Democrático (1989 – 2022)

Vianismo

- Jorge Viana (01/01/1999 -01/01/1997);
- Arnóbio Marques (01/01/1997 – 01/01/2011);
- Sebastião Viana (01/01/2011 – 01/01/2019);
- Fim do Vianismo
- Gladson Cameli (01/01/2019 – atual).

Fonte: LIMA, 2006.

## O ACRE E O SÉCULO XXI

Somos 906.876 habitantes em uma área de 164.173,431 km<sup>2</sup>, distribuídos por 22 municípios que conhecem uma verdade: O “Bug do Milênio” não veio e, com sua ausência, notamos outras ausências que destoam da “verdade oficial”. Percebemos que a rodovia interoceânica é realidade apenas do lado brasileiro. A BR-364 está sendo construída há mais de 30 anos e ainda não está concluída.

O Acre mudou de horário por força de lei e por voto popular, em referendo, retornou ao horário existente desde 1913. A educação atende mais pessoas que antes. Foi produzida uma minissérie contando parcialmente a história do Acre.

A imigração é uma realidade: desde 2012 já entraram mais de dez mil haitianos no Acre, e, em 2014, começaram a vir migrantes de outras nacionalidades, de dois continentes.

Com o alagamento de 2014, uma lâmina de água de 1,65 metros passou por cima da BR-364, deixando o Acre isolado do restante do Brasil por mais de 02 meses e as prateleiras dos supermercados desabastecidas. Por

coincidência, a BR-364 ficou embaixo d'água após as barragens das hidrelétricas do Rio Madeira serem construídas.

Muita água passou pelo rio em 2014. A Seleção brasileira de futebol perdeu de 07 a 01 para a Seleção alemã. O rio Acre encheu novamente e transbordou em 2015, com 18,5 metros, assim como transbordaram denúncias contra a Fifa e contra o “Pai dos pobres”.

Enquanto o FBI prendia ex-presidentes da CBF e da Fifa, a Justiça Federal brasileira usou um “lava jato” contra os corruptos.

O Solo da BR-364 derreteu, de novo, com as chuvas. A Presidente, agora “desportista”, foi afastada pelo Senado por prática de “pedaladas fiscais”. 2016 ainda nem terminara e o PMDB emplacara seu terceiro presidente não eleito pelo voto direto.

O Acre segue alinhavando sua história no ano em que começa a pagar os empréstimos bilionários que contraiu.

Na tessitura de retalhos as ideologias esquerdistas começam a perder espaço para um governo “salvacionista”. “Los Hermanos” recuaram em suas bravatas de intervenção



nas “terras brasilis” ao verem os exercícios de treinamento do “Exército de Caxias” nas terras deste rincão sul-ocidental.

Tão rápido quanto uma chuva de verão foi a atuação da lava-jato, desmanchou-se em espumas e denúncias – não deu tempo ir “ali buscar um refrigerante”.

Finalmente foi concluída a ponte sobre o rio Madeira. O Acre é ligado “rodovariamente” ao restante da malha brasileira, mesmo que esta malha, recém-inaugurada necessite de reparos urgentes.

A “República das Bananas” vive de salvador em salvador, seja engenheiro civil, operário, sociólogo, economista, advogado, militar, “coroné” de província ou ex-juiz. E nos rincões acreanos a tela em que se pinta não tem tinta muito diferente.

Não se sabe ao certo se o pior pesadelo é o de “ver emergir o monstro da Lagoa (Rodrigo de Freitas)” ou o “ativismo anacoluto de quem deveria apaziguar e pacificar” em conformidade com os preceitos legais.

“Descondenações por erro de foro”, “mandados de prisão em flagrante”,

“embargos de embargos declaratórios”, “Covid-19”, “pandemia mundial”, “fique em casa que a economia a gente vê depois”, “remédio para piolho que mata vírus”, “vacina que se recomenda quatro e, até, cinco doses em menos de um ano”, “médicos proibidos de prescrever remédios”, “desvios de verbas do combate à pandemia”, “especialistes jornalêros”, “as tias do zap”, “consórcio de imprensa”, “crime de opinião”, “graça presidencial” e a “volta da inflação”. O Brasil, definitivamente, não é para os fracos.

Que dizer do tempo presente? O tempo dirá quais foram nossos erros. Quanto a nossos acertos, foram maiores, com certeza. Que venham outros retalhos para serem costurados às dobraduras alinhavadas do contexto histórico.

## Principais datas festivas e históricas

Estado e municípios	Eventos	Data
Acre	Início da Revolução Acreana	6 de agosto
	Término da Revolução Acreana	24 de janeiro
	Assinatura do Tratado de Petrópolis	17 de novembro
	Aniv. do nascimento de Plácido de Castro	7 de setembro
	Aniversário da morte de Plácido de Castro	11 de agosto
	Aniversário do Estado	15 de junho
Acrelândia	Aniversário da cidade	28 de abril
Assis Brasil	Aniversário da cidade	14 de maio
	Festa de N. S. do Perpétuo Socorro	31 de maio
	Festa folclórica	2ª semana de agosto
	Festival de praia	Julho a agosto
Brasiléia	Aniversário da cidade	3 de julho
	Festa de São Francisco	4 de outubro
	Festa de Nossa Senhora das Dores	17 de setembro
Bujari	Aniversário da cidade	28 de abril
	Festa de São João Batista - Padroeiro da Cidade	24 de junho
Capixaba	Aniversário da cidade	28 de abril
Cruzeiro do Sul	Aniversário da cidade	28 de setembro
	Início do Novenário de Nossa Senhora da Glória	6 de agosto
	Festa da Nossa Senhora da Glória	15 de agosto
	Consolidação da Soberania Nacional do Juruá	5 de novembro
Epitaciolândia	Aniversário da cidade	28 de abril
	Festa de São Sebastião	20 de janeiro
Feijó	Aniversário da cidade	21 de dezembro
	Festival do Açai	Agosto
	Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	16 de julho
Jordão	Aniversário da cidade	28 de abril
	Festival Indígena Xina Bena (Huni Kui)	Maio
Mâncio Lima	Aniversário da cidade	30 de maio
	Festa de São Sebastião	20 de janeiro
Manoel Urbano	Aniversário da cidade	14 de maio
	Festival de praia	Julho e agosto

Fonte: ACRE, 2017.

## Principais datas festivas e históricas

Estado e municípios	Eventos	Data
Marechal Thaumaturgo	Aniversário da cidade	28 de abril
	Festival Indígena Piarentsi (Ashaninkas)	Junho
	Festival Indígena Corredor Pano (Kuntanawas)	Outubro
Plácido de Castro	Aniversário da cidade	30 de março
	Festa do Bom Jesus do Abunã	7 e 8 de julho
	Festival de praia	5, 6 e 7 de setembro
Porto Acre	Aniversário da cidade	24 de janeiro
	Círio de Nossa Senhora de Nazaré	4º domingo de outubro
	Criação do município	28 de abril
Porto Walter	Aniversário da cidade	25 de junho
	Novenário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição	29 de novembro a 8 de dezembro
Rio Branco	Feira da Expoacre	Julho
	Festival de Cultura Caipira	1ª semana de julho
	Festival Estudantil da Canção	Final de outubro e início de novembro
	Aniversário de Rio Branco	28 de dezembro
Rodrigues Alves	Aniversário da cidade	28 de abril
	Aniversário da cidade	25 de setembro
Sena Madureira	Festa de Nossa Senhora da Conceição	8 de dezembro
	Cavallhada	7 a 25 de setembro
	Festival do Mandi	14 de setembro
Senador Guiomard	Aniversário da cidade	6 de maio
	Festa de Nossa Senhora das Graças	8 de junho
Santa Rosa do Purus	Aniversário da cidade	28 de abril
Tarauacá	Aniversário da cidade	24 de abril
	Festival de praia	Julho e agosto
	Novenário de São Francisco	26 de setembro
	Festival Indígena Yawa (Yawanawas)	Outubro
Xapuri	Aniversário da cidade	22 de março
	Festa de São Sebastião	20 de janeiro
	Semana Chico Mendes	Dezembro

Fonte: Fundação Elias Mansour.

Fonte: ACRE, 2017.

## REFERÊNCIAS

ACRE. **Acre em números 2017**. Rio Branco: Seplan, 2017.

ACUÑA, Cristobal. **Nuevo Descubrimiento del Grande Rio de las Amazonas**. Madri: 1641.

BEZERRA, Maria José. **Invenções do Acre: de território a estado – um olhar social**. São Paulo, 2006, 383f. PPG em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.

CAPISTRANO DE ABREU, João. **Capítulos de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **“A Fundação do Acre”**: um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história. 2014. 467 p. Tese. (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

CARVALHO, José Alberto Magno de. **Migrações internas na Região Norte**. Belém: SUDAM, 1974.

COSTA, João Craveiro. **A Conquista do Deserto Ocidental**. 2 ed. Rio Branco (Acre): Fundação Cultural do Acre, 1998.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **No tempo dos seringais: o cotidiano o e a sociedade da borracha**. 3 ed. São Paulo: Atual, 1997.

GÓES FILHO, Synezio Sampaio. **Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

LIMA, Manoel Ferreira. **O Acre: seus aspectos físicos e geográficos, sócio-econômicos, históricos e seus problemas**. V. 1. RBR (AC), 1982.

LIMA, Reginâmio B.. **Sobre Terras e Gentes: o terceiro eixo ocupacional de Rio Branco**. João Pessoa: Ideia, 2006.

LIMA, Reginâmio B; BONIFÁCIO, M<sup>a</sup> Iracilda G. C.; ALMEIDA, Lelcia M. M. (Orgs). **Habitantes e Habitat: a expansão da fronteira**. Rio Branco: Boni, 2007.

MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial**. Rio Branco: Edufac, 2004.

MOREL, Edmar. **A Amazônia Saqueada**. São Paulo: Global, 1984.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. **O Sertanejo, o Brabo e o Posseiro**: a periferia de Rio Branco e os cem anos de andança da população acreana. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

POTIGUARA, José. **Terra Caída**. 3 ed. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.

REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. 3 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

REIS, Arthur César Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia Brasileira**: a fronteira com as colônias espanholas. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

SMITH, Anthony. **Os Conquistadores do Amazonas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **A História do Acre**: novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.

SOUZA, Márcio. **Galvez**: imperador do Acre. São Paulo: Marco Zero, 1995.

TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. V. I e II. 4 ed. Brasília: Senado Federal, 2001.







Ficamos muito felizes com os textos produzidos pelos alunos em 2014. Estes, a partir de recortes, conseguiram exprimir “uma história do Acre em retalhos”. Dizemos “uma” porque a história é plural e temos consciência disso.

Estamos saindo de uma pandemia e 2022 nos inspira a seguir em frente. Quisemos e queremos “trazer à memória aquilo que nos dá esperança”, quem sabe ser o lembrete, a possibilidade, a projeção com muitos espaços em branco onde cada um possa contribuir e somar para que tenhamos acesso às histórias vividas e sonhadas neste rincão “abençoado por Deus e bonito por natureza”.

**Reginâmio Bonifácio de Lima**

ISBN 978-65-88975-43-5



9

786588

975435